



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a
cerimônia de comemoração dos 10 anos do Fórum Social Mundial**

Porto Alegre - RS, 26 de janeiro de 2010

Meus companheiros e minhas companheiras,

Eu queria começar cumprimentando o companheiro Olívio Dutra, ex-governador do estado do Rio Grande do Sul,

Queria cumprimentar a ministra Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Queria cumprimentar o ministro da Justiça, Tarso Genro,

Queria cumprimentar o ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República, o companheiro Luiz Dulci,

Queria cumprimentar o companheiro Edson Santos, de Políticas de Promoção da Igualdade Racial,

Queria cumprimentar o companheiro Altemir Gregolin, ministro da Pesca e Aquicultura,

Queria cumprimentar o companheiro Paulo Vannuchi, ministro dos Direitos Humanos,

Queria cumprimentar o deputado estadual Ivar Pavan, presidente da Assembleia Legislativa do estado do Rio Grande do Sul,

Queria cumprimentar o companheiro Jaques Wagner, governador do estado da Bahia,

Queria cumprimentar o senador Paulo Paim e a senadora Ideli Salvatti,

Cumprimentar os deputados federais Beto Albuquerque, Fernando Marroni, Henrique Fontana, Manuela D'Ávila, Marco Maia, Maria do Rosário, Paulo Roberto Pereira, Paulinho, da Força Sindical, Pepe Vargas, Vieira da Cunha,

Quero cumprimentar o companheiro, prefeito de Porto Alegre, José Fogaça, que tem contribuído muito para este Fórum,



Quero cumprimentar a companheira Maria Fernanda Coelho, presidente da Caixa Econômica Federal,

Quero cumprimentar o companheiro Cândido Grzybowski, coordenador do Fórum Social Mundial, por meio de quem cumprimento todos os delegados participantes do Fórum,

Quero cumprimentar o companheiro Artur Henrique, presidente da Central Única dos Trabalhadores,

Quero cumprimentar a Lilian Celiberti, coordenadora de Articulação Feminista do Mercosul, por meio de quem cumprimento todos os participantes estrangeiros deste Fórum,

Minhas amigas e meus amigos,

É com grande satisfação que estou aqui hoje na abertura desta conferência, para conversar com vocês sobre um tema essencial para a democracia e para o exercício da cidadania: a comunicação social.

Companheiros e companheiras,

Eu venho a este Fórum com a mesma vontade, com a mesma disposição com que eu vim aqui em janeiro de 2003, quando tinha apenas poucos dias na Presidência da República. Naquele tempo, o Fórum também era o início de uma experiência de organização da sociedade civil para reivindicar, para propor e para lutar no mundo inteiro, na perspectiva de que nós poderíamos apresentar a ideia de que um novo mundo era possível, um novo Brasil era possível, uma nova América do Sul era possível, uma nova América Latina era possível.

Já se passaram dez anos e o Fórum continua intacto, mais maduro, mais calejado, mais senhor do conhecimento das dificuldades entre reivindicar e conquistar, entre propor e lutar, e entre fazer dos nossos sonhos as conquistas que a sociedade tanto reivindica e tanto quer.

Nós sabemos, depois que chegamos ao governo, que há uma diferença fundamental entre o que um governante sonhou a vida inteira e o que um



governante conseguiu realizar no seu governo. Eu digo sempre, porque isso serve de lição para quem vier depois de mim. Serve para o Pepe Mujica, serve para o Mauricio Funes, em El Salvador, serve para o Evo Morales, para o Rafael Correa, para o presidente Chávez e para todos que ao longo do tempo vão se sucedendo na presidência de países importantes aqui na América Latina.

Eu estou convencido de que nós vivemos um momento excepcional na política da nossa querida América do Sul, na política da América Latina. Eu estou convencido de que nós, em todos os países, com mais avanço ou com menos avanço, demos passos importantes na consolidação da democracia no nosso continente. E sei também que nós precisamos fazer muito mais, e outros que vierem [depois] de nós vão precisar fazer muito mais. E quanto mais nós fizermos, mais a sociedade vai conquistar espaço democrático, mais a sociedade vai se organizar e mais a sociedade vai reivindicar. Tem gente que acha que isso é ruim. Eu acho que a razão pela qual a gente chega ao governo de um país é para criar uma outra relação entre Estado e sociedade, entre governo e movimento social organizado.

Tem gente que se incomoda com o debate. No meu governo, nós já fizemos 60 conferências, de todos os movimentos sociais. Não há, até agora, um único movimento que não teve uma conferência nacional, com conferências municipais, conferências estaduais e conferência nacional.

Eu me lembro, minha querida companheira, quando eu participei da conferência do GLTB [LGBT] no Brasil. Eu me lembro das inquietações, eu me lembro das preocupações de se o presidente da República deveria participar de um encontro daquela magnitude. Tinha gente que tinha até medo que algum militante do GLTB [LGBT] pudesse se aproximar de mim para tirar uma foto. E eu me lembro que eu fui com a minha mulher ao encontro e lá eu ouvi coisas extraordinárias que serviram de lição de vida para mim. Quando as pessoas perguntavam: “Se eu sou marginalizada porque eu tenho uma opção sexual diferente, por que na hora de votar, não recusam o meu voto? Ou na hora de



pagar Imposto de Renda, não recusam o meu imposto, se eu sou diferente?”

Tem gente que acha que democracia é um pacto de silêncio, quando a democracia é a capacidade que a gente tem de produzir muitas manifestações, por milhões de bocas, para que a gente vá, a cada dia, construindo as conquistas de uma sociedade que, no final, se consolidará na democracia que todos nós queremos que aconteça no nosso país e no mundo.

Estou aqui e daqui vou para Davos outra vez, igualzinho eu fiz em 2003: saio daqui e vou a Davos. Eu tenho consciência de que Davos já não tem mais o *glamour* que eles pensavam que tinha em 2003. O sistema financeiro já não pode desfilar como sendo um modelo exemplar de gerenciamento do sistema financeiro, porque acabou de provocar a maior crise mundial dos últimos anos, por irresponsabilidade gerencial, administrativa e de concepção. Mas vou lá, vou lá com o orgulho de quem tem o que dizer, vou lá com orgulho para mostrar... porque se é verdade que em 2003 o grande medo espreado pelo mundo era de que o presidente Lula não conseguiria governar este país, não tinha qualificação, e que não conseguiria montar o governo, eu vou, humildemente, dizer para eles que foi um torneiro mecânico, governando este país, o que fez mais universidades na história deste país e o que mais criou escolas técnicas profissionais.

Vou lá para dizer para aquelas pessoas que é possível a gente mudar a história de cada país. Vocês não sabem a angústia com que eu estava aqui, em 2003, quando eu via um companheiro levantar uma faixa pedindo para que a gente rompesse com o FMI, e o orgulho que hoje eu sinto de ir lá e dizer: não apenas não devemos ao FMI, como ele nos deve US\$ 14 bilhões, que nós emprestamos para eles durante a crise mundial. O orgulho de dizer para eles que neste país, certamente sabedores de que precisamos fazer muitas coisas, nós temos hoje, possivelmente, a mais consolidada política de inclusão social do nosso Planeta. E sabemos que falta muita coisa, sabemos que, quem sabe, precisamos de mais oito, dez, 15, 20 anos, quem sabe uma geração inteira para recuperar o desmando de dezenas de gerações a que este país e a que a



América Latina foram... mantidas no esquecimento.

Mas se nós olharmos o significado das coisas que estão acontecendo no Brasil, nós vamos perceber que não apenas é possível consolidar um outro Brasil, como é possível consolidar uma outra América Latina, como é difícil [possível] consolidar uma outra fábrica [África]... uma outra África. Vamos pegar, por exemplo, o que está acontecendo no Haiti. Eu deveria ter começado a minha fala pedindo um minuto de silêncio para as vítimas do Haiti, mas deixei para falar do Haiti no meio da minha fala, porque o que está acontecendo no Haiti é mais do que descaso. O que estava acontecendo no Haiti, até então, era falta de respeito ao mínimo direito sagrado da cidadania a que um ser humano tem direito.

O Brasil está lá há cinco anos com a Força de Paz. Aqueles que criticavam a Força de Paz do Brasil no Haiti e tiveram a oportunidade de ir ao Haiti para ver o trabalho que as nossas Forças Armadas faziam... lá dentro do Congresso Nacional aprovamos o envio de mais 900 soldados brasileiros, porque nós ensinamos ao mundo como é que uma Força de Paz pode ser uma Força de Paz sem ter ingerência nas decisões políticas ou praticar violência contra os inocentes que moram naquele país.

Nós estamos há cinco anos. Não tem uma reunião de que eu participe, no mundo, que eu não reivindique o direito dos países doadores de darem o dinheiro para os companheiros do Haiti. São bilhões prometidos, mas esse dinheiro não chega, ora porque não se confia no governo, o dinheiro chega via ONG, a pretexto de que o governo não tem condições de executar; e ora o dinheiro não chega. O dado concreto é que embora estejamos a chorar, não sabemos ainda se 150 mil mortes ou 200 mil mortes – ainda que fosse uma –, todos nós deveremos estar indignados de [com] o mundo desenvolvido, que é responsável pelo que aconteceu no Haiti. Não podemos esquecer que foi o primeiro país negro do mundo a conquistar a sua independência, em 1804. E depois de conquistar a sua independência, três vezes esse país foi, na verdade, tendo a sua independência solapada por ocupação americana,



ocupação francesa e ocupação inglesa.

O dado concreto é que agora esse terremoto talvez mexa com a vergonha dos seres humanos que governam este Planeta, para que a gente possa fazer no Haiti agora aquilo que poderíamos ter feito 30 anos atrás, 40 anos atrás ou ter feito dez anos atrás, quando começamos a discutir a democracia do Haiti. E uma coisa eu quero dizer para vocês: o Brasil fará a sua parte. É motivo de orgulho, meu caro Cândido, meu caro Artur, a quantidade de brasileiros que querem se inscrever para prestar serviço de solidariedade ao Haiti, e nós não estamos mandando porque não podemos criar uma desordem de solidariedade no Haiti, se a gente não tiver estrutura para receber as pessoas, e depois criar as condições para que as pessoas possam executar a sua função lá dentro.

Nós, inclusive, no dia 25 do mês que vem eu estarei passando no Haiti e, possivelmente, em 30 dias a gente construa uma Unidade de Pronto Atendimento, de quase 2.160 metros quadrados, para atender o povo daquele [país], junto com o hospital de campanha da Aeronáutica que está assistindo as pessoas. E vamos querer levar médicos brasileiros para prestar solidariedade, para ficar um mês, para ficar dois meses, três meses, quatro meses, fazer um processo de revezamento, para que a gente possa dar àquele país a oportunidade de aquele país se desenvolver e virar um país soberano e um país com democracia consolidada.

Mas não é apenas o Haiti. O Brasil hoje tem uma política voltada para a África, que eu penso que nós nunca tivemos em 500 anos de história do Brasil. Antigamente, os governantes brasileiros olhavam para a Europa, fingiam que o continente africano era apenas uma mancha no meio do Planeta, e fingiam que ali existia quase 700 milhões de seres humanos, parte deles que ajudaram a construir a nossa cor, a nossa cultura, a nossa gente e, portanto, o Brasil precisa, o Brasil precisa... porque não é uma dívida paga em dinheiro; é uma dívida paga em solidariedade, em gesto.

Por isso temos política de solidariedade, por isso abrimos o escritório da



Embrapa em Gana, para que a gente possa estudar o solo africano. E já chegamos à conclusão de que a potencialidade de produção da savana africana é a mesma potencialidade de produção do Centro-Oeste brasileiro, e a gente pode contribuir para que a África se transforme em um país exportador de alimento e em um país que produza a autossuficiência para alimentar o seu povo. E para isso brigamos na OMC, para que o mercado europeu abra para os produtos agrícolas africanos, para que eles possam ter mercado para produzir e para vender, e que se acabe, de uma vez por todas, com o subsídio dos países ricos que, cada vez mais, são responsáveis pelo empobrecimento dos países pobres.

Era muito fácil falar de livre comércio, era muito fácil falar de livre comércio, quando só eles poderiam vender; era muito fácil falar de livre comércio, quando só eles poderiam exportar. O livre comércio, para os países ricos, era eles mandarem os seus produtos para dentro dos países pobres. Mas quando se trata de falar de exportação e de livre comércio, mandando os produtos dos países pobres para o mundo rico, aí eles criam os subsídios que tanto eles criticavam que nós criávamos aqui há tão pouco tempo. Por isso não conseguimos concluir o acordo da Rodada de Doha, no final de dezembro do ano passado, quando estivemos muito próximos, e não construímos [concluímos] por causa de uma divergência entre Índia e Estados Unidos. O dado concreto é que enquanto não for feito o acordo, os países mais pobres do mundo estarão subordinados à lógica de subsídio dos países ricos que, muitas vezes, pagam para um cidadão que tem dez ou 12 vacas, o equivalente ao que um brasileiro não ganhará a vida inteira trabalhando, apenas para manter o homem no campo.

Agora, em Copenhague, a minha querida companheira Dilma esteve comigo. Eu já estava cansado, meu caro Cândido, de ver gente dar palpite na política brasileira, porque durante muito tempo tem um tipo de gente que acha que porque é desenvolvido, pode chegar aqui no Brasil e ditar regras, dizer o que a gente tem que fazer, dar palpite. Pois bem, nós fomos para Copenhague



com a decisão mais séria e mais consistente de todos os países que foram a Copenhague. Nós levamos uma proposta de, até 2020, a gente diminuir a emissão de gases de efeito estufa entre 36% e 39%, e diminuir o desmatamento da Amazônia em 80%, até 2020.

Ora, isso pegou os países ricos de surpresa porque, o que estava em discussão em Copenhague? Em Copenhague estava a seguinte discussão: os Estados Unidos não são assinantes do Protocolo de Quioto e, portanto, eles não têm compromisso de redução de metas [metas de redução]. E a União Europeia queria se livrar do Protocolo de Quioto para se livrar do compromisso das metas de redução. E Estados Unidos e Europa se juntaram para tentar jogar a culpa em cima da China. Por outro lado, a Europa também queria mudar uma coisa chamada Acordo-Quadro, que era o acordo que estabelecia a política de financiamento, e também tentava jogar a culpa em cima da China. Tudo isso a pretexto... porque a proposta americana é uma proposta em que eles estão se propondo a reduzir 17% a partir de 2005 [em relação a 2005]. Mas se eles pegarem a data do Protocolo de Quioto e pegarem a data-base, 1990, a proposta americana é de apenas redução de 4% até 2020.

Ora, o que nós entendíamos, o que é que nós entendíamos? Nós queremos responsabilidades comuns, mas diferenciadas. Se um país está poluindo o mundo há 200 anos, não é justo que um país que está poluindo há dois anos pague a mesma conta que aquele que está poluindo há 20 anos. Não é possível que não se queira discutir o padrão de consumo da Humanidade. Não é possível que não se tenha uma política correta de compensação para os países mais pobres.

No caso do Brasil, para que a gente cumpra o nosso compromisso, nós vamos ter que investir – quantos bilhões, Dilminha? – 60... US\$ 16 bilhões. Vejam, para que a gente cumpra a nossa meta, nós, sozinhos, vamos colocar mais do que os países europeus prometeram agora e mais do que os Estados Unidos prometeram. E nós dissemos: não basta tratar essa questão como se fosse esmola; vocês estão fazendo um favor de pagar pelo sequestro de



carbono. Não. Vocês têm que pagar porque vocês emitiram gases de efeito estufa e agora é preciso sequestrar isso, e vocês têm que dar dinheiro para os países mais pobres. Não é favor.

E agora nós vamos ter que resolver isso no México. Este ano ainda vai ter um encontro no México e nós vamos ter que resolver. E cada um vai ter que dizer o seguinte: “Eu vou limpar a minha sujeira”. Ninguém precisa ajudar o Brasil a limpar a dele, ninguém precisa ajudar nenhum país... cada um trate de limpar a sua, que a gente já dá conta de cumprir as metas corretas para que a gente possa despoluir o planeta Terra.

Mas, companheiros e companheiras, essa é uma discussão, meu companheiro Cândido, meus companheiros da mesa, que ainda levará algum tempo. A única coisa que as pessoas vão ter que ter certeza é que nós estamos iguais ou tão preparados como eles para o debate e não aceitamos mais que alguém coloque o seu dedo sujo de óleo diesel no combustível limpo produzido neste país, que tem a sua matriz mais extraordinária. E para que eles saibam, essa semana eu fui a Juiz de Fora inaugurar a primeira termelétrica a etanol do mundo, com uma turbina feita do avião 747. Pois bem, então agora, o mundo, se quiser se ver livre do óleo diesel ou do óleo combustível, que são grandes emissores de gases de efeito estufa e que não sequestram carbono nenhum, pode começar a pensar em mudar a sua matriz energética na área de combustível ou na área de energia, e copiar o modelo do Brasil.

Portanto, meu caro Cândido, nós estamos prontos para o debate sobre a questão do clima no Brasil, na América do Sul e no mundo, e a única coisa que nós queremos é trabalhar em igualdade de condições. Não somos melhores do que ninguém, não somos piores do que ninguém; não somos mais espertos do que ninguém, nem menos espertos. Nós apenas queremos que a soberania de cada país e os interesses estratégicos de cada país sejam respeitados e sejam levados em conta.

Uma outra coisa que este Fórum precisa discutir... eu acho importante,



Cândido... eu vou dizer uma coisa para vocês que eu já disse uma vez. Eu vou dizer outra vez, ousar dizer neste Fórum aqui. Eu acho que este Fórum, ao terminar este encontro aqui, vocês deveriam... não precisa ter dez decisões porque, em política, quem tem dez não tem nenhuma, quem tem vinte não tem nenhuma, ou seja, é tanta decisão, que a gente não sabe qual vai encaminhar primeiro. Agora, eu acho que vocês deveriam tomar uma decisão: dedicar, dessa data em que terminar este Fórum até a data do próximo Fórum, um ano de solidariedade de todos os participantes do Fórum ao povo, na reconstrução do Haiti, que, quem sabe, a gente possa ensinar como fazer muitas coisas que tem lá. Porque não tem nada pior do que a gente terminar uma reunião como esta, fantasticamente representativa, com aquilo que tem de melhor no movimento social, com um “catatau” de decisões desse tamanho, coloca no nosso criado, na nossa mesinha de cabeceira ou na nossa gaveta, na sala, ou na nossa entidade, e nunca mais a gente pega para ler. Ou seja, a gente termina não produzindo os efeitos das coisas boas que nos motivaram a vir a um fórum como este.

E quero, meu querido Cândido, para terminar a minha fala, dizer para você que vou, eu vou a Davos com outra missão. Eu quero mostrar que se o mundo desenvolvido tivesse feito a lição de casa em Economia, a gente não teria tido a crise econômica que nós tivemos no ano passado. A irresponsabilidade com que o sistema financeiro era manuseado no mundo inteiro, sem nenhum controle... porque vocês estão lembrados que quando era o Uruguai, quando era a Argentina, quando era o Brasil, quando era a Venezuela, quando era o Paraguai, quando era um país latino-americano que devia US\$ 5 bilhões para o FMI, nós cansávamos de ver gente dar palpite do que a gente tinha que fazer. E aí eu lembrava de um ditado popular (incompreensível): “a dor dói no pé de quem tem calo”. Mas eles se esqueceram de olhar para o nariz deles e ficaram olhando para o nosso.

O Fórum de Davos não discutiu em nenhum momento a crise, isso significa que eles não sabiam que iam ter crise. O governo americano não



sabia que ia ter crise, apesar de ela estar anunciada. Então, todo mundo foi pego, eu diria, como se não estivesse preparado. E quando eu disse, aqui no Brasil, que essa crise para nós é uma marolinha, ela vai chegar por último e ela vai sair primeiro, nós fomos criticados e detonados.

O resultado está aí. A Europa, no ano passado, teve uma queda de sete milhões de postos de trabalho. Os Estados Unidos, no ano passado, tiveram uma queda de mais de sete milhões de postos de trabalho. E neste país, no ano passado, nós criamos 945 mil empregos só no setor produtivo, e com carteira assinada. Se pegar o setor público, nós ultrapassamos 1 milhão de empregos, em um ano em que o mundo inteiro estava em crise.

E se nós criamos, em 2009, mais de 1 milhão de empregos, se prepare, Paim, para a quantidade de empregos que nós vamos criar este ano, em que a economia está acertada, os programas estão funcionando. E agora, em março, nós vamos apresentar ao Brasil o novo Programa de Aceleração do Crescimento II, para que a gente assuma compromisso, entre 2011 e 2015, de fazer as coisas que falta fazer neste país. E por que temos que aprovar agora? Porque precisamos colocar dinheiro no orçamento deste ano, para que em 2011 a gente possa começar a governar este país, já podendo gastar os recursos que nós temos que gastar.

Dito isso, meu caro companheiro coordenador deste encontro, meus companheiros delegados, eu queria dizer para vocês que a coisa mais extraordinária que nós vamos deixar neste país foi a nossa relação com a sociedade. Aqui, o companheiro Dulci, pela Secretaria-Geral. Eu lembro das últimas duas conferências que nós fizemos: a dos Direitos Humanos e a da Comunicação. Vocês sabem que na [Conferência da] Comunicação, metade dos empresários de Comunicação não participaram. Poucos participaram, e participaram praticamente todos os movimentos sociais. É engraçado que ninguém mordeu o dedo de ninguém, as pessoas não iam lá para xingar, as pessoas não iam lá para ofender. As pessoas iam lá para dizer: “Eu tenho um olhar diferente do que vocês têm, vocês têm um olhar diferente de mim. Vamos



tentar juntar esses dois olhares e vamos ver qual é o olhar que a gente pode dar para o Brasil, para a política de Comunicação”, que não pode ficar sendo apenas discutida por alguns empresários da Comunicação, mas pela sociedade; como é que a gente trata a internet, como é que a gente trata o acesso desse povo à internet. Então, eu acho que foi uma coisa extraordinária, porque as pessoas imaginavam que ia ter uma guerra, e teve uma conferência que tem um resultado. Obviamente que o resultado tem divergência.

A mesma coisa aconteceu na Comissão de Direitos Humanos. Eu digo para vocês uma coisa: quando nós nos colocamos à disposição de debater as coisas, nós temos que perceber que, se juntar duas pessoas, pode ter três [dois] pensamentos; se juntar três, pode ter três pensamentos; se juntar quatro, tem quatro; [se juntar] mil, tem mil; [se juntar] um milhão, tem um milhão. Qual é a capacidade nossa? É de tentar saber quais as divergências e qual o caminho do meio que nós poderemos construir porque, mesmo dentro das conferências, nós temos divergências e mais divergências entre nós.

Por isso, meus queridos companheiros e companheiras, no ano que vem, quando vocês estiverem aqui reunidos neste Fórum, cá estarei eu, não mais como presidente da República, mas como ex-presidente da República deste país. Mas, certamente, aqui no meu lugar terá uma pessoa com o mesmo compromisso, talvez com mais capacidade, com mais sensibilidade, para anunciar a este país o que vai poder ser feito daqui para a frente. Uma coisa eu quero que vocês saibam, uma coisa eu quero que vocês saibam: eu saio do governo com a convicção, saio do governo com a convicção e saio do governo com a certeza absoluta de que grande parte das coisas que nós fizemos só foi possível ser feita porque foi construída pela sociedade civil.

Vocês não imaginam alguma coisa que acontece neste país. A primeira vez que nós fizemos, o Paulinho Vannuchi estava coordenando, que nós fizemos uma conferência dos portadores de deficiência visual. E tinha uma briga, na imprensa, se o cachorro poderia entrar no elevador, se o cachorro poderia entrar no shopping, se o cachorro poderia entrar no ônibus, se o



cachorro poderia entrar na igreja. Eu, para mostrar que o cachorro não era um cachorro, era os olhos do portador de deficiência, enchi o Palácio do Planalto de pessoas com deficiência com os seus cães-guia, para mostrar que se um cachorro podia entrar com o seu dono no Palácio do Governo, ele poderia entrar em qualquer lugar.

Foi com muito orgulho que aquele Palácio, em que só entravam empresários, em que só entravam reis, em que só entravam princesas, em que só entravam banqueiros, começou a receber todos os movimentos sociais. Eu lembro da primeira conferência que nós fizemos sem [com] os sem-teto. O líder dos sem-teto foi fazer uso da palavra e ele disse: “Presidente Lula, permita-me não chamá-lo de Excelência. Permita-me chamá-lo de companheiro Lula, e dizer para você que hoje você não precisa atender nenhuma reivindicação nossa. Hoje nós não vamos fazer reivindicação, porque não tem nada de mais motivo de orgulho para nós que nós conseguimos, finalmente, nós que somos perseguidos pela polícia nas ruas da nossa cidade, nós estamos aqui dentro do Palácio do Planalto, junto com o presidente da República, onde nós nunca tínhamos pensado em pôr o pé.”

Eu lembro, companheiros, quando fizemos a primeira reunião com os portadores de hanseníase, no Palácio do Planalto. Eles nunca tinham entrado no Palácio do Planalto. Eu recebi uma delegação de cem portadores de hanseníase para dizer para eles que nós íamos aprovar a aposentadoria para todos aqueles que morarem em colônias, uma aposentadoria de R\$ 750. Eu lembro que quando eu entrei na sala, que eu beijei cada mulher ou cada homem que estava com hanseníase, muitos, muitos choraram, porque jamais imaginaram que um presidente da República poderia encostar o seu rosto no rosto de uma pessoa que tinha sido deformado por uma doença grave.

Eu lembro, companheiros, de uma revolução que está acontecendo neste país e que vocês vão ver daqui a alguns dias. Antigamente, quando eu andava pelo Brasil, a gente só ouvia pessoas, com faixas, fazendo reivindicações corporativas. Hoje, em cada cidade que eu chego, tem dois tipos



de faixas: uma é pedindo uma escola técnica profissional e a outra é pedindo uma extensão universitária. Então, veja, veja, meu caro Cândido, que coisa vai acontecer no Brasil. De 1909 – quando Nilo Peçanha criou a primeira escola técnica no Brasil, na cidade de Campos, no Rio de Janeiro – até 2003, todos os governantes do Brasil criaram 140 escolas técnicas profissionais. Nós, em oito anos, vamos entregar 214 novas escolas técnicas profissionais.

Nós vamos transformar todas as nossas conquistas sociais em uma consolidação de políticas sociais, neste país. A ideia, companheiros do Fórum, companheiro Artur, companheiros sindicalistas, companheiros do movimento social, é a gente tentar criar, como tem a Consolidação das Leis do Trabalho, a gente criar uma consolidação de políticas sociais, para evitar que por decreto ou por portaria, alguém possa resolver achar que as conferências... e as conferências, nós vamos querer legalizá-las, porque senão as pessoas não vão querer mais convocar conferências, porque nem todo mundo gosta de juntar povo. O político não percebeu que ele tem duas orelhas para ouvir e uma boca para falar. Mas o desgraçado parece que tem três bocas e uma orelha só, e as pessoas não gostam de convocar o povo para decidir as políticas públicas que nós temos que levar em campo. Então, este ano, ainda, nós vamos encaminhar a consolidação das políticas sociais, para que a gente possa garantir a continuidade de todas essas políticas.

No mais, eu quero, meus queridos companheiros, dizer para vocês da minha alegria de perceber que este Fórum está com a mesma saúde e com o mesmo vigor que ele estava em janeiro. Eu tenho certeza, Cândido, que mais maduro, eu tenho certeza que mais consciente, eu tenho certeza que muito mais sabedor das coisas que tem que fazer. Mas, ao mesmo tempo, eu tenho a convicção de que este Fórum precisa continuar, e precisa continuar produzindo a ideia da utopia, a ideia do impossível, porque a única coisa impossível no mundo, para quem crê em Deus, é Deus pecar. O resto tudo a gente pode fazer, é só a gente ter vontade, ter coragem e começar a trabalhar.

Quero agradecer, então, a todos vocês a solidariedade, a solidariedade.



Eu tenho a convicção de que vocês foram muito companheiros durante todos esses anos de governo, e tenho certeza de que, na medida do possível, nós fomos companheiros de vocês naquilo que a gente podia compreender.

Lamentavelmente, lamentavelmente, eu acho que se a gente tivesse consolidado o Fórum Social em Porto Alegre desde que começou, isso aqui tinha virado uma coisa excepcional. Mas a gente fez uma coisa nova, que era tentar levar para o mundo inteiro. E a gente teve encontros bons e desencontros, e eu acho que é preciso a gente consolidar e encontrar uma forma de fazer mais gente participar.

Eu penso que depois dessa crise econômica, depois das incertezas no mundo em que parecia tudo certo, eu acho que o Fórum tem um espaço para crescer muito mais do que nós jamais imaginamos.

Por isso, companheiros, que Deus abençoe cada delegado, cada delegada, que Deus abençoe a Direção, e que vocês possam concluir este Fórum com a grandeza do próprio Fórum.

Um abraço.

(\$211A)